



II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial

As primeiras tipografias na cidade gaúcha de Rio Grande

Artur Emilio Alarcon Vaz¹ (Universidade Federal do Rio Grande)

Resumo:

A pesquisa “Formação e consolidação do sistema literário em Rio Grande”, desenvolvida no Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande, desde 2006, tem buscado catalogar, recuperar e divulgar o início dessa literatura local, retomando autores e livros perdidos e esquecidos em bibliotecas e hemerotecas. Dessa forma, através não só de fontes primárias, como também de outras fontes disponíveis, tem-se formado melhor uma noção de quem e como se publicava literatura nos jornais e nas tipografias locais, aos moldes das pesquisas realizadas em outros estados por Márcia Abreu e Socorro Barbosa. Como ocorre, em geral, a história do livro está associada ao jornal e, em Rio Grande, isso também ocorreu, pois os primeiros livros saíram das tipografias feitas para a impressão de jornais locais. Partindo de dados aleatórios e espalhados por diversas fontes primárias, têm-se obtido bons resultados, já configurando uma boa lista das tipografias e obras produzidas nos período em questão, com pesquisas espalhadas em diversos autores e obras.

Palavras-chave:

periodismo, tipografia, Rio Grande do Sul, sistema literário, fontes primárias.

Enquanto a cidade gaúcha de Rio Grande atingia seu apogeu econômico no século XIX devido à riqueza originada pelos curtumes², a literatura dessa cidade no extremo-sul seguia seus primeiros passos e começava lentamente a formar-se nesse período, procurando estabelecer assim um meio cultural em que não só havia a leitura de livros e outros impressos, mas também havia uma impressão da produção de textos de autores locais.

¹ Professor doutor do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG); coordenador do projeto de pesquisa “Formação e consolidação do sistema literário em Rio Grande (RS)”; professor da disciplina “História da Imprensa” na pós-graduação em “História da Literatura”, na FURG. Doutor pela UFMG em 2006 com a tese *A lírica de imigrantes portugueses no Brasil meridional*. e co-organizador do livro *Literatura em revista (e jornal): periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais*, editado pela UFMG e FURG em 2005, além de autores de diversos artigos sobre periodismo literário. Endereço eletrônico: arturvaz@terra.com.br

² Maiores detalhes sobre esses aspectos históricos podem ser vistos em NEVES (2005) e VAZ (2006; 2008).

Obviamente que a da leitura e escrita de textos literários já ocorriam em Rio Grande desde os séculos anteriores, como se comprova pelos poemas sobre a instalação de orfanatos e asilos sobre a cidade (republicados numa antologia do século XX) e o estudo dos livros incluídos nos testamentos do século XVIII³, ou mesmo pela publicação das obras das gaúchas Maria Clemência da Silveira Sampaio (*Versos Heróicos pelo Motim da Gloriosa Aclamação do 1ª Imperador Constitucional do Brasil* 1823) e Delfina Benigna da Cunha (*Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses*, 1834), ambas no Rio de Janeiro.

Como ocorre, em geral, a história do livro está associada ao jornal e, em Rio Grande, isso também ocorreu, pois os primeiros livros saíram das tipografias feitas para a publicação de jornais locais. Assim, a impressão local começa a ocorrer somente quando Francisco Xavier Ferreira traz uma tipografia para publicar o jornal *O Noticiador*, fundado em 3 de janeiro de 1832. No entanto, em 1831, Francisco Xavier Ferreira já publicara um avulso – pois só tem uma página – com um poema chamado *Hino que se cantou na noite do dia 24 do corrente pela feliz noticia da Gloriosa Elevação do Sr. dom. Pedro II ao Trono do Brasil*, considerado o primeiro texto impresso na cidade rio-grandina.

Em outubro de 1832, logo após o surgimento da tipografia de Francisco Xavier Ferreira, *O Noticiador* anuncia que já havia duas tipografias em Rio Grande, referindo-se também à tipografia do jornal *O Observador*, provável propriedade do seu editor Guilherme José Corrêa.

É, então, a partir desse marco – ainda que muito pequeno – que se pode esperar pela formação de um sistema literário local, exposto por Antônio Candido (1959), e desenvolvido por Itamar Even-Zohar (2004), que distancia de leituras textocêntricas e busca apoiar-se a análise também em dados biográficos do produtor/escritor e do meio em que publicavam. Então, para o devido conhecimento do sistema literário da região sul, é necessário conhecer não só os dados biográficos dos autores da época, assim como os meios em que era publicada a literatura de então.

A pesquisa “Formação e consolidação do sistema literário em Rio Grande”, desenvolvida no Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande, desde 2006, tem buscado catalogar, recuperar e divulgar o início dessa literatura local,

³ Entre os testamentos estudados por Jorge de Souza Araújo (1999), estão os de Xavier Ferreira e de Félix da Costa Furtado de Mendonça, pai de Hipólito José da Costa Pereira e José Saturnino da Costa Pereira, dois dos poucos gaúchos que foram estudantes brasileiros matriculados na Universidade de Coimbra (MORAES, 1940).

retomando autores e livros perdidos ou esquecidos em bibliotecas e hemerotecas. Dessa forma, através não só de fontes primárias, como também de outras fontes disponíveis, tem-se formado melhor uma noção de quem e como se publicava literatura nos jornais e nas tipografias locais na primeira metade do século XIX.

A tentativa é, então, compreender, nas palavras de Leila Perrone Moisés, o “gosto médio” de então, atendendo “as novas tendências da historiografia”, que focaliza os “atores anônimos da História” e não só os “grandes fatos e grandes homens” (MOISÉS, 1991, p. 143).

Na tipografia de Xavier Ferreira, além dos jornais *O Noticiador* e *O Propagador da Indústria Rio-grandense* e do avulso citado, somente se tem notícia da publicação da obra *Relação dos festejos, que fizeram os portugueses residentes na vila do Rio Grande do Sul, em demonstração de seu júbilo pelo restabelecimento da paz, e da liberdade, na sua pátria*, em 1834, em que – após o relato dos festejos ocorridos em agosto – são incluídos seis poemas de Delfina Benigna da Cunha⁴.

Ainda na década de trinta, somente há a indicação da existência da tipografia de Sabino Antônio de Souza Niterói, denominada inicialmente de Mercantil, enquanto eram impressos os jornais *Liberal Rio-Grandense* e *Mercantil do Rio Grande* (entre os anos de 1835 e 1840), e posteriormente de Niterói, quando foi editado o jornal *Conciliador* (1840-41) e o *A Voz da Verdade* (1845-46). Entretanto, até 1847, não há referências da publicação de livros – seja técnicos, seja literários – na cidade de Rio Grande, indicando que essas tipografias aparentemente publicavam somente jornais.

Importante destacar, nesse período, a fundação do Gabinete de Leitura, que transformada posteriormente em Biblioteca Rio-Grandense, que se tornou num importante pólo cultural e livreiro da cidade e constitui atualmente num dos mais importantes acervos não só do Rio Grande do Sul, como do Brasil. Ainda mais se considerarmos que é na tipografia de um dos seus fundadores, Maria Perry de Carvalho (1825-1861), que há a volta de edições locais, com, em 1847, os *Estatutos do Gabinete de Leitura da cidade do Rio Grande do Sul* e, em 1848, *Os jesuítas ou o bastardo d’el Rey*, do rio-grandino José Manoel Rego Vianna, drama em cinco atos representado no Teatro Sete de Setembro, em 21 nov. 1846, constituindo assim na primeira publicação local de um rio-grandino. No ano de 1849, o também rio-grandino Manoel José da Silva

⁴ Maiores detalhes sobre essa obra pode ser vistos no artigo da graduanda Ana Cristina Matias, bolsista CNPq do projeto, nos *Anais do III Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros*, publicado em CD-ROM em 2009 pela FURG.

Bastos (12 abr. 1825 - 11 nov. 1861) publica, pela tipografia de Antonio Bonone Martins Viana, o drama *O castelo de Oppenheim ou o tribunal secreto*.

O que poderia pensar que são duas tipografias são, nas palavras de Lourival Vianna (1977, p. 61), a mesma, pois esse pesquisador aponta que o jornal *Rio-Grandense* – e podemos pensar que conseqüentemente sua tipografia – foi sucessivamente vendida e revendida: apareceu em 1845 sendo impresso na tipografia Pomatelli; em 5 jul. 1847, foi vendida para Perry de Carvalho; em 1º maio 1849, foi revendida a Antonio Bonone Martins Viana e, em setembro de 1850, a Bernardino Berlink. Por exemplo, no cabeçalho do *Rio-Grandense* de 9 jan. 1847, consta “Prop. F. Pomarelli. Rua Praia, 40/ Redator Antonio José Caetano da Silva” e no cabeçalho do primeiro *Eco*, de 27 jul. 1848, já consta o nome da tipografia de J. M. Perry Carvalho. Essa constante mudança de proprietário explica também o porquê de somente três obras serem impressas por Perry de Carvalho e Bonone Martins num prazo de três anos.

É desse período os primeiros anúncios de livreiros nesta cidade gaúcha, como as diversas propagandas no *Rio-Grandense* ao longo de maio e abril de 1847 de um livreiro sem indicação de nome na rua da Praia, n. 116, que vendia “novelas em francês, livros de medicina, literatura, todos recebidos pelo navio”. Em janeiro do ano seguinte, consta o anúncio da obra, em dois volumes, *A independência do Brasil*, de A. Gonçalves Teixeira e Souza, destacando-se que “recebem-se assinatura para esta interessante obra na casa do Sr. Antonio Martins Vianna, rua da Praia n.115.”, sem precisar se seria o mesmo vendedor anunciado no ano anterior.

Ainda no mesmo jornal, em 16 maio 1848, aparece “a venda na rua Direita, 106, na loja de Braga e Barbosa” o livro *Amor e melancolia*, de Antonio Feliciano de Castilho. E em 14 jun. 1849, sai a propaganda de que “Daniel de Barros e Silva acaba de estabelecer na rua da Praia, 150, em frente ao Beco do Afonso, uma oficina de encadernação e loja de livros e papéis”, destacando-se ao longo do semestre, diversas obras estrangeiras e nacionais, como *A moreninha* e *O moço loiro*, ambos de Joaquim Manoel de Macedo.

Também é de Daniel Barros e Silva a primeira tentativa de editar romances sob encomenda, conforme anúncio publicado no jornal *Diário de Rio Grande*, em 28 jun. 1850, em que esse livreiro ficou “convencido de que o hábito de ler não se adquire ordinariamente se não é excitado pelo atrativo que oferecem as obras de imaginação, e abundando a literatura moderna em composições que a par do deleite da ficção”, propondo que:

vamos tentar a tradução de alguns romances modernos de mais nomeada, esperando que esta tentativa seja bem acolhida em toda a província. Publicar-se-á em Porto Alegre na tipografia de Pomatelli e Cia um volume cada mês, em bom papel e tipo novo, logo que se tenham obtido 300 assinaturas. Preço da assinatura 12\$000 rs. Por ano, pagando 1\$000 rs. Na ocasião da entrega de cada volume, que será acompanhado de uma lista impressa dos Srs. Assinantes que protegerem esta empresa.

Apesar da busca de alguma dessas obras, somente foram encontrados livros técnicos editados pelo tipografia F. Pomatelli, em Porto Alegre, nesse período⁵, indicando que tal iniciativa não deva ter sido concretizada. Percebe-se, assim, a crescente necessidade local pela compra e venda de livros literários, sempre em parte suprida pelos livreiros, mas que em vários momentos seria insuficiente, precisando assim de que as tipografias locais publicassem não só jornais, mas também obras das quais o público estava ávido pela leitura.

Embora a baixa média continue nos anos iniciais da tipografia durante a direção de Berlink, é com este proprietário que se inicia a publicação de obras técnicas e também poéticas, abrindo o espaço posteriormente para a publicação de romances de autores locais. Nesse período inicial, das quatro publicações já obtidas com indicação da tipografia de Berlink, três são do baiano Ladislau dos Santos Titára (1801-1861), que publicou tanto obras técnicas (*Complemento do auditor brasileiro*, em 1850) como poéticas (*Obras poéticas*, tomo VII, em 1851) e em prosa (*Memórias do grande exército aliado, libertador do sul da América, na Guerra de 1851 a 1852, contra os tiranos do Prata*, em 1852).

A quarta publicação encontrada da tipografia de Berlink é a segunda edição dos estatutos da hoje Biblioteca Rio-Grandense, expondo a fragilidade das tipografias locais, pois se a primeira edição foi feita na empresa de José Maria Perry de Carvalho e a segunda edição na tipografia de Bernardino Berlink (em 1853), e a terceira edição⁶, em 1855, acaba sendo realizada pela tipografia do jornal *Diário*, sendo a primeira obra impressa conhecida dessa tipografia. Ainda nesse ano, o jornal *Diário de Rio Grande* publicou o folhetim *Vicentina*, de Joaquim Manoel de Macedo, em rodapé, para ser recortado e organizado como um livro em dois volumes.

⁵ A saber: *Memoria geologica sobre os terrenos de Curral-Alto, e Serro do Roque na Provincia de S. Pedro do Sul*, de Frederico A. de Vasconcellos A. Pereira Cabral, em 1851; *Relatorio do presidente da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, o conselheiro José Antonio Pimenta Bueno, na abertura da Assembléa Legislativa Provincial no. 1.º de outubro de 1850; acompanhado do orçamento da receita e despeza para o anno de 1851*, em 1850; e *Tratado de escrituração mercantil por partidas dobradas, aplicado às finanças do Brasil*, de Sebastião Ferreira Soares, de 1852.

⁶ A quarta edição, já com o título *Estatutos da Biblioteca Rio-Grandense na cidade do Rio Grande do Sul*, é feita pela tipografia do *Artista*, em 1878.

Ainda em 1855, Titára também publicou – já na tipografia de Cândido Augusto Mello – a terceira edição de *Auditor brasileiro*, atualizando, conforme o *Dicionário bibliográfico português* de Inocêncio Francisco da Silva (p. 167), as edições anteriores, feitas em Porto Alegre (de 1845) e no Rio de Janeiro (1847).

Esse aumento de obras impressas em Rio Grande no ano de 1855 é ajudado em parte pela ampliação dos livreiros atuantes na cidade rio-grandina, já que nesse ano aparecem propagandas de três livreiros nos jornais locais: o já citado Daniel de Barros e Silva (conforme anúncio n’*O Diário do Rio Grande*, de 2 ago. 1855); Joaquim Ferreira Nunes (*O Diário do Rio Grande*, de 25 fev. 1855, com o nome de Bazar Pelotense) e Cândido Augusto de Mello (*A Imprensa*, em 7 maio 1855, anuncia a transferência de sua tipografia de Pelotas para Rio Grande e a abertura de uma loja de livros)⁷.

Em 1856, já foram obtidos dados de pelo menos três edições da Tipografia Berlink, sendo uma de autoria local - *Discurso recitado em 06 de março de 1856*, do então conhecido poeta local Antônio José Domingues⁸ - e duas de autores ingleses reconhecidos naquela época: *A alma no purgatório ou amor além da morte*, de T. Bulwer e trad. Botelho de Vasconcelos, além de *O castelo de Otranto*, do inglês já canonizado Horace Walpole (1717-1797), provável cópia da edição lisboeta da Tip. J. J. A. Silva, publicada em 1854, pois ambas atribuem a autoria ao tradutor W. Marsgall.

Em 1857, há uma profusão de romances e novelas editados por três tipografias rio-grandinas: a do *Diário*, a de B. Berlink e a de Cândido Augusto de Mello (ligado ao jornal *Imprensa*), todas dando preferência para a publicação de autores reconhecidos, fato ocorrido igualmente no início da imprensa brasileira, como citado por Márcia Abreu: “A publicação de obras já conhecidas revela (...) tino comercial daqueles que encomendavam impressões no Rio de Janeiro, pois pouco arriscavam-se ao republicar um livro que já tinha conquistado público.” (2003, p. 86).

Pela tipografia do *Diário*, além da famosa edição rio-grandina d’*O Guarani*, sem autoria declarada na capa para José de Alencar, como foi na sua edição original carioca em folhetim, foi publicado o livro *Epístola a S. M. a Imperatriz do Brasil em favor de um infeliz ancião*, de Antonio Feliciano de Castilho. A influência lusa também se dá na

⁷ Maiores detalhes sobre esses livreiros podem ser vistos no artigo da graduanda Gisele Pereira Bandeira, bolsista do projeto, nos *Anais do III Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros*, publicado em CD-ROM em 2009 pela FURG.

⁸ O poeta Antônio José Domingues nasceu em 23 de julho de 1791 em Lisboa e, na região sul do estado, destacou-se como poeta, latinista e professor público e também como defensor da monarquia. Sua morte em Pelotas, em 5 de setembro de 1860, é confirmada em exemplares do jornal *O Brado do Sul* microfilmados na Biblioteca Nacional, desfazendo as dúvidas de diversos autores sobre esse dado.

impressão da tipografia de Cândido Augusto de Mello, através da obra *Meditações ou discursos religiosos*, do português José Joaquim Rodrigues Bastos (1777-1862).

Já a tipografia de B. Berlink mostra uma tendência maior para a literatura inglesa: *Uma fantasia americana*, de Alfred Assolant (1827-1886); *Memórias de um policial* e *O caçador de Selvagina*, ambos de Alexandre Dumas; e *O Marquês de Pombal*, de Clémence Robert.

Nesse período, destaca-se, no entanto, a publicação em 1858 de *O homem maldito*, de Carlos Eugênio Fontana, tanto por ser o primeiro romance de um autor rio-grandino⁹, como por ser no ano de fundação da tipografia do *Eco do Sul* na cidade de Rio Grande. Em 1859, essa tipografia publica o poema *O pavilhão negro*, do português Mendes Leal, no formato de folhetim para ser recortado e organizado como um livreto. Importante destacar que esse poema foi publicado originalmente em Portugal no mesmo ano, mostrando que a agilidade na edição de obras também fazia parte dos editores de então.

Entretanto, há referências da publicação de outros romances ainda em 1858, como *Cenas da vida*, também de Carlos Fontana, e *A donzela de Veneza* e *A véspera de uma batalha*, ambos de Carlos de Koseritz, mas atualmente não se conhecem nenhum exemplar dessas obras, nem em bibliotecas brasileiras, nem em mãos de particulares¹⁰.

Ainda nessa linha, por pouco não se enquadra a novela *Um drama no mar*, de Koseritz, publicada inicialmente como folhetim – com o pseudônimo X. Y. Z. e com o título *Elissandro ou um drama no mar* – no jornal *Eco do Sul*, entre 11 de outubro e 4 de novembro de 1862, e publicada posteriormente num único volume, como pode ser comprovado em propagandas anunciadas nesse mesmo jornal entre abril e maio de 1863.

Embora citado em vários dicionários e por pesquisadores, não se conhecia nenhum exemplar desse livro, até que um foi achado no acervo da Biblioteca Rio-Grandense, entre as obras de autoria anônima, provavelmente pela ausência de capas e páginas iniciais do romance, não deixando nenhum vestígio de sua autoria, data ou local de publicação no corpo da obra.

⁹ Maiores detalhes sobre essa obra pode ser vistos no artigo da graduanda Sheila Fernandez, bolsista do projeto, nos *Anais do III Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros*, publicado em CD-ROM em 2009 pela FURG..

¹⁰ Oberack Júnior (1961, p. 23) indica que tais romances teriam sido publicados em folhetim anteriormente no jornal *Ramilhete Rio-grandense*, mas igualmente não se conhece nenhum exemplar desse jornal, que teria sido publicado por Koseritz em 1857. Ainda da lista de prosa ficcional de Koseritz desaparecida, consta “Laura, perfil de mulher”, publicado em Rio Grande em 1875 pela Tipografia de J. J. R. da Silva, e com reedição em 1887 (cfe FERREIRA, 1891, p. 13).

Tanto o folhetim, como o volume anônimo, ambos textualmente iguais, não possuem indicação de autoria, sendo esta feita de forma indireta pelas propagandas veiculadas em 1863. A par da semelhança de títulos e de personagens, a prova cabal de que esse volume encontrado é a novela publicada por Koseritz é o detalhe que tanto na propaganda, como no volume, há a referência de que a prosa foi baseada em fatos verídicos, dando inclusive – na página final do volume – o verdadeiro nome do protagonista e indicando o seu fim real: o enforcamento na Inglaterra em 30 de dezembro de 1862.

Nesse período¹¹, o jornal *Diário de Rio Grande* de 21-22 jul. 1862 (n. 4083) noticia sobre abertura de outra gráfica: “Agora, consta a cidade de Rio Grande quatro estabelecimentos desta ordem, sendo três de folhas diárias e mais misteres, e uma só para obras” (p. 2), que seriam, além da própria tipografia do *Diário*, a dos jornais *Eco do Sul* e *Comercial*. Fica, no entanto, a dúvida de qual editora “só para obras”, pois não se conhece nenhuma obra publicada em Rio Grande nesse período de outra tipografia.

Embora o jornal *Comercial* tenha sido fundado em 1858 e, em sua tipografia, tenha sido publicado diversos outros jornais, como *Independente* (1862), *Liberal* (1863) e o *Especulador* (1868), só há registros de obras impressas em suas gráficas em 1866, com o *Regulamento da prática e usos comerciais da praça da cidade de Rio Grande*, de apenas seis folhas e constante no acervo da Biblioteca Rio-Grandense, e em 1868 de *Cais no litoral da cidade do Rio Grande*, de Hygino Correa Durão, o que leva indica que a tipografia seguia a linha editorial do jornal de se ater a assuntos comerciais.

Nessa década, constam ainda as tipografias próprias do jornal *Aurora do Sul* (esta sem nenhuma indicação de obras) e do *Artista* (fundado em 1860), cuja primeira obra impressa é *Riachuelo*, do gaúcho Zeferino Vieira Rodrigues Filho (1834-1910), em 1866.

Após a recolha e a leitura de tantas obras locais, percebe-se que tanto a poesia, como a prosa escrita e publicada em Rio Grande na primeira metade do século XIX – mesmo que atualmente seja constituída de nomes desconhecidos e raramente citados em histórias literárias sul-rio-grandenses e brasileiras - é condizente com o que ocorria no restante do Rio Grande do Sul e com o Brasil, tanto no tocante à construção incipiente

¹¹ O jornal *O Comercial*, de 5 jul. 1862, traz um anúncio de outro livreiro local, identificado como J. A. Leite, que oferece o livro *Da educação das meninas e influência possível da mulher*, cujos detalhes são totalmente desconhecidos, não se podendo identificar se era uma edição local ou não.

de um nacionalismo, como pela mudança gradual do Arcadismo para a estética romântica.

Todos esses autores citados fazem parte de uma etapa inicial do sistema literário rio-grandino, excluídos de qualquer cânone atual, mas que foram importantes na solidificação da literatura local e formadora literária de escritores atualmente considerados importantes, como Rita Barém de Mello e Bernardo Taveira Júnior, que publicaram seus livros de estréia em Rio Grande, respectivamente, *Sorrisos e prantos* (1868) e *Poesias americanas* (1869).

Assim, podemos concluir usando as palavras de Márcia Abreu, para quem

parece necessário repensar o *corpus* de textos com o qual críticos e historiadores literários têm trabalhado, no sentido de alargar o conjunto de obras consideradas e o campo de interrogações.

Deixando de ver na literatura um objeto ideal, definido por uma imanente literariedade percebe-se que sua composição é socialmente construída, assim como sua leitura. (...) Textos ignorados ou superficialmente examinados às vezes têm parte preponderante nesse jogo (ABREU, 2003, p. 137).

A tipografia da obra inaugural de Bernardo Taveira Júnior ocorre já na tipografia da revista *Arcádia*, marco divisor da literatura sul-rio-grandense, conforme o estudo de Guilhermino César, iniciando assim já o Romantismo em terra gaúchas e que representa a consolidação de Rio Grande como centro cultural, pois muitos dos seus colaboradores, um pouco mais tarde, viriam a participar ativamente ao longo da existência do grêmio literário do Partenon, o mais importante centro cultural gaúcho.

Referências:

ABREU, Márcia. *Os caminhos do livro*. Campinas: Mercado de Letras, ALB; São Paulo: FAPESP, 2003.

ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: FURG, 1999.

ALVES, Francisco das Neves. *A imprensa na cidade de Rio Grande: um catálogo histórico*. Rio Grande: FURG, 2005.

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Perfil do leitor colonial*. Ilhéus: Editus, 1999.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BARRETO, Abeillard. A imprensa do Rio Grande no tempo do Império. *Rio Grande*, 27 jun. 1935, p. 4-5.

BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: MEC, 1970.

BRANCO, Fernanda de Avila. *A presença e o papel da literatura no jornal caricato O Diabrete (1875-1881)*. Dissertação (Mestrado em História da Literatura). Departamento de Letras e Artes, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2005.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Martins, 1959. 2 v.

CÉSAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971.

CUNHA, Jaqueline Rosa da. *Arauto das Letras (1882-1883): uma amostra da expressão literária da região sul-rio-grandense*. Dissertação (Mestrado em História da Literatura). Departamento de Letras e Artes, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2004.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Teoría del polisistema. Disponível em: www.tau.ac.il/~itamarez. Acesso em 27 mar. 2004.

FERREIRA, Gladis Rejane Moran. *A presença do livro na imprensa rio-grandina no final da primeira metade do século XIX: 1845-1850*. Disponível em www.ceamecim.furg.br/vii_pesquisa/trabalhos/143.doc. Acesso em 14 fev. 2009.

FLORES, Moacyr. *Dicionário de história do Brasil*. 3. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

GARCIA, Sônia Tavares; LONER, Beatriz Ana. Relação de jornais existentes na Biblioteca Pública Pelotense. *História em Revista*, Pelotas, v. 6, p. 133-164, dez. 2000.

GRUTZMANN, Imgart. Karl Von Koseritz. Disponível em www.martiusstaden.org.br/Rellibra/Pdfs/Autores/KarlVonKoseritz_Dados.pdf. Acesso em 30 ago. 2008.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 1985.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: EDUFPEL, 1993.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 1978.

MOISÉS, Leila Perrone. História literária e julgamento de valor. Congresso Internacional ABRALIC, 2º, 1991, Belo Horizonte. *Anais...* v. 1, Belo Horizonte: UFMG, p. 141-151, 1991.

MORAIS, Francisco. Estudantes Brasileiros na Universidade de Coimbra (1772-1872). *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. LXII (1940), p. 137-335.

MOREIRA, Maria Eunice (Coord.). *Uma voz ao Sul*. Os versos de Maria Clemência da Silveira Sampaio. Florianópolis: Mulheres, 2003.

MUZART, Zahidê Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. v. 2. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004,

PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

PÓVOAS, Mauro Nicola (org.) *Anais do III Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros*. Rio Grande: FURG, 2009. CD-ROM.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. 3. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

SALES, Germana Maria Araújo. Ficção brasileira. Disponível em www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/cronologias/brasileira.htm. Acesso em 30 ago. 2008.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Dicionário bibliográfico português*. V. 5. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860. Disponível em books.google.com/books?id=4FUPAAAIAAJ&hl=pt-BR. Acesso em 30 ago. 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

VAZ, Artur Emilio Alarcon; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda Ferreira (org). *Literatura em revista (e jornal): periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais*. Belo Horizonte: FALE-UFGM; Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2005.

VAZ, Artur Emilio Alarcon. *A lírica de imigrantes portugueses no Brasil meridional*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

VAZ, Artur Emilio Alarcon. Formação do sistema literário no extremo sul do Brasil: o início da imprensa em Rio Grande. In: *Cadernos Literários*. v. 15, p. 11-17, 2008. Rio Grande: FURG.

VIANNA, Lourival. *Imprensa gaúcha (1827-1852)*. Porto Alegre: Museu de Comunicações Social Hipólito José da Costa, 1977.

VIEIRA, Cila Milano; JAEGER, Leila Maria Gama; CABERLON, Vera Isabel. *Levantamento bibliográfico de obras raras e/ou valiosas da Biblioteca Rio-Grandense*. Rio Grande: FURG, 1987.